

'Nosso Lar 2'
supera 1 milhão
de espectadores

PÁGINA 2



Streaming
imortaliza legado
de Carl Weathers

PÁGINA 3



Mostra denuncia
objetificação da
mulher brasileira

PÁGINA 7



2º CADERNO

Fábio Rocha/TV Globo

Marcos Palmeira diz não ligar para comparações entre seu novo personagem no remake de 'Renascer' e o José Leônicio de 'Pantanal'

Por Ana Cora Lima (Folhapress)

Pela segunda vez consecutiva e em menos de dois anos, Marcos Palmeira, 60, é o protagonista de uma novela adaptada do texto original de Benedito Ruy Barbosa pelo neto dele, Bruno Lupieri. Após o sucesso de José Leônicio em "Pantanal", Marquinhos, como é chamado nos bastidores, entra em cena como José Inocêncio na segunda fase de "Renascer".

Apesar das semelhanças entre as duas tramas rurais, ele diz não ver problema em voltar a interpretar um "coronel". "Quando comecei a carreira na TV era o playboy carioca, me chamavam muito para esse tipo de papel. Depois, as pessoas diziam para eu ter cuidado para não ficar estigmatizado fazendo personagens rurais, que também fiz muito. Aí vieram os delegados", comenta, rindo das lembranças. "O personagem é bom? Posso colaborar com ele? Vou lá e faço."



Marcos Palmeira diz que é muito louco ver outro ator interpretar seu personagem de 1993 na versão original da novela

'Se o personagem é bom, vou lá e faço'

O ator concorda que os dois "Zés" têm pontos em comum. "Eles andam muito próximos em suas essências: são pais de filhos que enjeitam, homens com amores não correspondidos... Estou muito envolvido", pontua ator, que elege José Inocêncio como o mais próximo dele. "Ele bota a mão na massa, tem a mesma origem que eu, de uma região cacauieira, do Sul do

Bahia. Não nasci lá, mas me criei na fazenda, nesse interior do Brasil, e tenho uma relação profunda com o cacau", afirma.

Palmeira só ressalva que é "muito louco" ver outro ator dando vida a João Pedro, seu personagem há 30 anos, vivido por Juan Paiva na nova versão. "Só Freud explica", brinca. "O Antonio Fagundes [que protagonizou a primeira versão]

tinha 43 anos quando fez o José Inocêncio, e eu tinha 30 quando fiz o João Pedro. O Juanzinho tem 25 anos. Ele é um grande parceiro de cena", elogia. "[Mas], às vezes, olho para ele em uma cena e penso que já fiz aquilo ali, é uma viagem no tempo, algo inexplicável, é interessante reviver tudo isso."

O ator também comentou o sincretismo religioso de seu perso-

nagem, que diz ter o "corpo fechado" por causa dos pactos com Deus, o Diabo e um Jequitibá. "Acredito em energia, que vibramos o tempo todo e recebemos o que damos. Acredito nessa troca", comenta. "Não tenho uma religião, mas respeito todas elas. E o meu corpo é aberto para tudo, para a vida, não tenho compromisso com a eternidade, como dizia o meu avô."

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Edson Celulari lidera o elenco de 'Nosso Lar 2'

'Nosso Lar 2' ultrapassa a marca de 1 milhão de espectadores

"Nosso Lar 2 - Os Mensageiros" superou a marca de 1 milhão de espectadores depois de dez dias em cartaz, repetindo o feito de "Minha Irmã e Eu", comédia com Tatá Werneck e Ingrid Guimarães.

Os longas são as primeiras produções nacionais a vender mais de 1 milhão de ingressos nos cinemas desde

"Minha Mãe É Uma Peça 3", de Paulo Gustavo.

"Nosso Lar 2" é a continuação do drama espírita lançado em 2010, dirigido por Wagner de Assis e estrelado por Edson Celulari. No seu primeiro final de semana em cartaz, o filme vendeu 550 mil ingressos, arrecadando R\$ 11,8 milhões em todo o país.

Segue o 'preju'

A Jovem Pan ainda não conseguiu retomar a monetização de seu conteúdo jornalístico no YouTube. Houve atraso na resposta por parte do Google, dono da plataforma. A Jovem Pan recebia até R\$ 20 milhões por mês com seus vídeos.

Novo reality

A Globo confirmou que a ex-BBB Ana Clara Lima será a apresentadora do reality Estrela da Casa, atração que vai misturar confinamento e música na emissora. Os participantes serão cantores anônimos que ficarão confinados numa casa.

Novos rumos

Após 26 anos, o jornalista Erick Brêtas deixa a Globo e o cargo que assumia no Globoplay para seguir outros rumos profissionais. No canal desde 1997, ele comandou o time que criou a plataforma de streaming de conteúdo do canal, em 2015.

Pulou o muro

Acabou a parceria de José Luis Datena com Comandante Hamilton, que aceitou trocar a Band pelo SBT onde participará do Tá na Hora, novo jornalístico que será comandado por Christina Rocha e Marcão do Povo nos fins de tarde.



Destaque na equipe de esportes da Globo, Karine Alves é sambista declarada e fará sua estreia na transmissão dos desfiles

Foi bom, mas nem tanto

Globo aumenta arrecadação publicitária com Carnaval, mas acaba ficando longe de meta

Por Gabriel Vaquer (Folhapress)

A Globo vive um misto de sensações com a cobertura dos desfiles das escolas de samba do Carnaval 2024. O evento terá mais arrecadação que nos dois anos anteriores, mas ainda não é um êxito completo no mercado publicitário.

A emissora confirmou à reportagem que a transmissão terá patrocínio master da marca de cerveja Brahma, tanto na exibição dos desfiles do grupo especial do Rio e de São Paulo na TV aberta quanto na transmissão dos desfiles das campeãs no canal pago Multishow. Além disso, ela também colocou dinheiro no

Glô na Rua, programa comandado por Rita Batista que mostra os blocos de rua pelo Brasil.

Pelo espaço, a Brahma pagou cerca de R\$ 35 milhões, segundo pacote comercial obtido pela reportagem. A casa de apostas Pixbet patrocina apenas a transmissão dos desfiles e desembolsou 23,8 milhões, enquanto o Guaraná Antártica, que estará apenas no Glô na Rua, pagou R\$ 11,2 milhões.

A Globo também celebra o êxito comercial das coberturas locais. Mais de 16 marcas confirmaram patrocínios nas folias regionais em parceria com a rede de afiliadas da emissora. Entre os anunciantes, estão o banco Bradesco.

Mesmo assim, existe uma certa decepção nos bastidores. Os desfiles das escolas de samba só venderam dois dos quatro espaços disponíveis para patrocinadores. É uma elevação com relação aos últimos anos, quando apenas a Brahma apostava nas escolas de samba, mas esperava-se que tudo tivesse sido negociado com o mercado.

A venda de publicidade é importante para as agremiações de São Paulo e do Rio, porque a Globo paga um valor de bônus pelo que consegue vender no mercado publicitário. Quanto mais arrecada, mais dinheiro vai para as escolas, que tem nos direitos de transmissão sua principal fonte de renda.

A Globo transmite os desfiles das escolas de samba de São Paulo nos dias 9 e 10 de fevereiro. Nos dias 11 e 12, é a vez das escolas do Rio.

Neste ano, uma mudança: jornalistas deixam de participar da transmissão, que será tocada numa parceria entre os departamentos de esporte e entretenimento. Alex Escobar, Karine Alves e Milton Cunha serão os nomes à frente das transmissões.

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Bonequinhos do político intergaláctico Greef Karga e Funkos (brinquedos famosos por cabeças tamanho GG) do pugilista Apollo hoje disparam nas vendas da Amazon Prime e de lojas online similares preservando o legado do atleta, ator e eterno parceiro de lutas de Rocky Balboa Carl Weathers, que morreu no dia 1º, aos 76 anos.

A indicação ao Emmy de Melhor Coadjuvante dada a ele por seu desempenho como Karga, na série “O Mandaloriano”, da Disney +, fez de seu nome uma referência para as novíssimas gerações nerds. Ao mesmo tempo, imagens dele da década de 1970 salpicam os longas-metragens da franquia “Creed”, com Michael B. Jordan, na qual vive o finado pai do protagonista. Esses longas estão na HBO Max. Já a Amazon Prime dá espaço a “Rocky, o Lutador” (1976), que fez dele uma estrela, ao lado de Sylvester Stallone, hoje devastado pela morte do amigo.

“Carl Weathers é uma parte essencial da minha vida. Quando encontrei com ele pela primeira vez, eu vi grandeza. Ele era mágico”, disse Stallone, ao falar de seu colega, que teve um papel crucial no combate ao racismo, na América dos anos 1970, ao viver um boxeador heroico, que ficou milionário às custas de sua perseverança.

Canais esportivos como a ESPN têm valorizado muito essa persona icônica de Weathers, em especial pelo fato de que, antes de brilhar em Hollywood, ele foi craque das quadras, como jogador de futebol americano. Jogou no time do Aztecs, de San Diego, em 1968 e 1969, antes de se profissionalizar, passando depois para as seleções do Oakland Raiders e do BC Lions. Pendurou as chuteiras em 1974, quando decidiu se dedicar ao teatro e ao cinema. Brillhou na TV também, em séries como “Starsky & Hutch”, já nos anos 1970. Na televisão, ele chegou a fazer carreira também como diretor, a partir de 1995, rodando episódios de séries como “FBI” e “Law & Order”, além de ter comandado aventuras da já citada “O Mandaloriano”. Fez tudo isso sem jamais estar dissociado da figura de Apollo Creed e da dimensão de mentor que esse ídolo do boxe assume na franquia de Rocky Balboa a partir dos anos 1980.

Stallone nunca deixou que Apollo, personagem de Weathers – inicialmente oferecido pelos produtores ao boxeador Ken Norton – fosse visto como vilão. Ele



Apollo Carl Weathers trocou o futebol americano por Hollywood brilhando no papel de Apollo Creed

Apollo para sempre

Plataformas de streamings e bonecos immortalizam o legado de Carl Weathers, rival de Balboa na franquia ‘Rocky’, indicado ao Emmy por ‘O Mandaloriano’

Divulgação



Greef Karga, personagem em ‘O Mandaloriano’ rendeu ao ator uma indicação ao Emmy

Divulgação



Apollo Bate-bola com Adam Sandler em ‘Um Maluco no Golfe’

Divulgação



Clássico de guerra, ‘Comando 10 de Navarone’ pode ser visto no catálogo da Amazon Prime

foi visto ao longo de toda a franquia como um antagonista de alma nobre, passando ao posto de aliado de Balboa em “Rocky III – O Desafio Supremo” (1982), na luta contra Clubber Lang (Mr. T). A relação entre o eterno Rambo e seu companheiro de sets foi revisitada em 2021 no lançamento de “Rocky IV: Rocky vs. Drago - The Ultimate Director’s Cut”, no qual Stallone revisita a edição do filme de 1985, no qual Apollo morre.

Desde o fim de semana, com a notícia da morte de Weathers, a busca por seus filmes nas plataformas de streaming ampliou. Na Star +, é possível encontrar “O Predador” (1987), no qual ele vive um agente de caráter duvidoso que arrasta Arnold Schwarzenegger para uma emboscada. Na versão brasileira do filme disponibilizada pela plataforma é possível ouvir seu desempenho dublado por Ayrton Cardoso, num esplendor de adaptação para o português. Ayrton foi a voz oficial de Apollo na década de 1980.

Uma triagem de Weathers na streamingosfera nos leva a “Comando 10 de Navarone” (1978), na Amazon Prime, no qual ele contracenava com Harrison Ford. Na mesma plataforma é possível encontrar “Action Jackson” (1988), em que Sharon Stone integra o elenco. Ainda na Amazon é possível ver “Um Maluco No Golfe” (1996), no qual o intérprete de Apollo ensina um jovem Adam Sandler a dar boas tacadadas.

Todas essas produções nos ajudam a entender a relevância de Weathers para a cultura pop.

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Numa das sequências mais apaixonantes do cult “Folhas de Outono”, que terá sessão esta noite no Estação Botafogo, às 18h50, um (futuro) casal da classe operária da Finlândia vai a uma sala de exibição cheia de cartazes de clássicos nas telas, entre os quais o pôster de um drama celebrado como súpula amor romântico inalcançável. Essa joia é “Desencanto” (“Brief Encounter”, 1945).

Ao ser resgatado no mais recente sucesso do finlandês Aki Kaurismäki (com destaque também no streaming, na grade da MUBI), a clássica trama romântica dirigida pelo inglês David Lean (1908-1991) - celebrado posteriormente por épicos como “Lawrence da Arábia” e “A Ponte do Rio Kwai” - conquistou uma sobrevida sob os holofotes. Diante de toda a badalação assegurada por Kaurismäki, o filme terá projeção no Rio de Janeiro nesta quarta-feira, às 21h, no Estação NET Gávea. Agraciada com o Grande Prêmio do Júri do Festival de Cannes num tempo em que o troféu era a láurea principal do evento (equivalente à Palma de Ouro dada atualmente), a saga amorosa de Lean foi indicado a três Oscars: Melhor Direção, Melhor Roteiro e Melhor Atriz, coroando Celia Johnson.

“O filme de Lean se passa numa estação de comboio onde seus dois personagens centrais, mesmo apaixonados, não podem ficar juntos. Queria que os meus protagonistas do meu novo filme parecessem numa situação parecida, pois parece impossível eles se encontrarem, ainda que se gostem”, disse Kaurismäki ao Correio da Manhã em Cannes, onde “Folhas de Outono” foi laureado com o Prêmio do Júri.

Eleito um dos dez maiores filmes da Inglaterra de todos os tempos numa enquete feita em 1999 pelo British Film Institute, “Desencanto” nasceu da peça teatral “Still Life” (1936), de Noël Coward (1899-1873). Em sua trama, Laura Jesson (papel de Celia) é uma mulher casada, de classe média, que



Celia Johnson e Trevor Howard vivem o casal apaixonado de ‘Desencanto’, um cult de David Lean

‘Desencanto’ que encanta

Citado no sucesso ‘Folhas de Outono’, hoje na MUBI, longa de David Lean considerado um dos maiores clássicos românticos do cinema terá sessão nesta quarta no Estação NET Gávea

abre seu coração para a plateia, deixando sua imaginação fluir como se estivesse a confessar para seu marido a relação que viveu com o médico Alec Harvey (Trevor Howard, numa estonteante atuação). Ela conheceu Harvey numa estação ferroviária, à espera de seu regresso para o lar. Ao longo de uma série de encontros, eles provam do bem-querer, ainda que limitados pelo interdito, pelo fato de ela ser casada.

“Um cineasta da magnitude

de David Lean pode assinar épicos grandiosos e obter o mesmo domínio da forma em histórias mais intimistas que tocam fundo na alma, como ‘Desencanto’, considerado um dos filmes mais românticos do cinema, que faz o espectador mergulhar de cabeça no comovente amor platônico de Laura e Alec”, diz a escritora Mariza Gualano, autora do badalado “Para Fellini, Com Amor” e de “Pérolas Brasileiras”, com frases do cinema nacio-

nal. “Apesar de apaixonada, Laura pensa, ‘Essa infelicidade não deve continuar, devo me lembrar disso e me controlar’. Os personagens principais aproveitam ao máximo os closes e diálogos para passar todos os sentimentos que estão vivendo. Lean juntamente com Robert Krasker, diretor de fotografia, dá o tom sombrio da obra. Os efeitos sonoros e a trilha musical são elementos importantes para compor a atmosfera. E tudo começou

com um cisco no olho, numa plataforma de trem. Pontes também trazem lembranças. Laura e Alec tiveram alguns encontros nelas. E assim como Francesca e Robert, personagens de Meryl Streep e de Clint Eastwood em ‘Pontes de Madison’, de 1995. Muita lágrima rola com esses clássicos.

Animada para a sessão de hoje no Estação NET Gávea, para ouvir a trilha sonora de Sergei Rachmaninoff a embalar os quiproquós afetivos narradas por Lean, Mariza atesta:

“Eterno, ‘Desencanto’ é um filme para ser visto no escurinho do cinema”.

O mesmo entusiasmo se nota nas palavras do dramaturgo e roteirista Flávio Marinho ao se lembrar do duo formado por Celia Johnson e Trevor Howard. “Amo ‘Brief Encounter’. É uma adaptação intensa e comovente da peça do Noël Coward”, elogia o autor de sucessos teatrais como “Abalou Bangu!”. “O intimismo da direção de Lean, a clássica trilha e a excelência do elenco fazem deste título um programa imperdível”.

Com duas indicações ao 34º Prêmio Shell de Teatro, na categoria música, Muato desponta no cenário da criação musical para o teatro. Compositor reconhecido por sua criatividade e sofisticação, assinou, no ano de 2023, cinco trabalhos de direção musical para teatro, mas teve em “Chega de Saudade!”, ao lado de Felipe Storino, e “Pelada - A Hora da Gaymada”, o reconhecimento dos jurados do que pode ser considerado o mais importante prêmio da classe teatral nacional.

Muato assina dois dos quatro trabalhos indicados ao prêmio, mas também participa como instrumentista e cantor de “Em busca de Judith”, trabalho assinado por Pedro Sá Moraes. “As indicações chegam em um momento muito importante. O ano foi de muita intensidade em todos os trabalhos. Esse reconhecimento coloca uma carga de energia extra para os próximos movimentos”, comemora.

“Pelada - A Hora da Gaymada” é um trabalho de companhia com o Complexo Negra Palavra, grupo que Muato integra desde 2019. A peça faz o cruzamento da clássica pelada heterossexual com a “gaymada” (adaptação do tradicional “jogo de queimado” pela população LGBTQIAPN+ periférica). A montagem apresenta os bastidores da disputa de dois times pelo uso do Campo do Furão – campo localizado em Olaria, na Zona Norte - antes que uma empreiteira o compre. Com a comédia em sua raiz, conta uma típica história do subúrbio, com o embate entre o conservadorismo de um campo tradicionalmente de futebol e o desejo da realização do primeiro Campeonato de Gaymada em Olaria.

“A gente tem muita afinidade de linguagem teatral. Os caras têm uma execução muito precisa do trabalho de percussão corporal, são todos muito talentosos, eles me ajudaram muito a botar essas ideias todas em prática ao longo desse tempo. Além disso, foi o segundo trabalho em parceria com o diretor Orlando Caldeira, o que também ajudou muito na fluência dos en-



Tradição e modernidade: nascido e criado em Vila Isabel, Muato posa ao lado da famosa estátua de Noel Rosa, na entrada do bairro

Um colecionador de prêmios

Premiado no Brasil e no exterior por suas trilhas sonoras, o cantor e compositor Muato concorre ao Prêmio Shell de Teatro em duas categorias

saio”, conta.

Em “Chega de Saudade!”, onde ele também encena, retoma-se ficcionalmente personagens, biografias e memórias da Bossa Nova no Rio de Janeiro das décadas de 1950 e 1960, em uma versão somente com atrizes e atores negros. “O espetáculo ‘Chega de Saudade!’ teve um processo em que muito foi construído pela força do elenco. As ideias musicais foram surgindo nos ensaios e nós tínhamos o desafio de apresentar um certo ar de Bossa Nova, mas visando romper os padrões do gênero musical. A intenção era fazer uso dessa estética para manifestar uma ideia política”, revela.

Após o sucesso com o musical “O Admirável Sertão de Zé Ra-

malho”, quando foi aclamado pela crítica e pelo público atuando no palco – interpretando um jovem Zé Ramalho – e na direção musical (assinada em parceria com Plínio Profeta), Muato está em uma nova produção sobre um astro da MPB: o musical “Djavanear - Um Tanto Flor, Um Tanto Mar”. Dessa vez, ele assina a direção musical com Alfredo Del-Penho dando forma ao repertório interpretado no palco pelo elenco formado por Karen Júlia, Leila Maria, Mattilla, Paula Santoro e Tontom Périssé.

Muato é oriundo de Vila Isabel, bairro do subúrbio carioca famoso por revelar ícones da nossa cultura, como Noel Rosa, Martinho da Vila e Carlos Dafé - e iniciou sua trajetória no estudo da música de con-

certo, mas foi muito além, se destacando pela sua atuação em diversas frentes e expressões artísticas.

Assina trilhas de diversos espetáculos de destaque no teatro e no cinema como “O Pequeno Herói Preto”, “Oboró, Masculinidades Negras” e “Rio Negro”. A notoriedade do seu trabalho já o levou a conquistar prêmios no Brasil e no exterior, como o Awards Deutscher Rock & Pop Preis, na Europa, e o prêmio APTR.

Como cantor e compositor, destaque para o projeto “AfroLove Songs ou A Canção Urbana de Amor Política”, série musical e poética sobre o amor vivido por pessoas negras, mergulhando na música urbana com sofisticação poética e flerte estético com o R&B, Rap, Música Brasileira e Jazz. O projeto tomou tamanha proporção que se desdobrou nas criações do festival “Afrolove”, que reúne e protagoniza a juventude preta do Rio de Janeiro nas suas mais diversas expressões artísticas, e na “Muato Sessions”, que integra shows itinerantes e conexões com diversos artistas.

Para lembrar Gugu Olimecha

‘As Loucas de Copacabana’, texto do consagrado dramaturgo e roteirista, ganha nova montagem no Teatro Cândido Mendes



“**A**s Loucas de Copacabana”, um dos espetáculos mais famosos de Gugu Olimecha (1942/2014) ganha nova montagem a partir desta quarta-feira (7) Teatro Cândido Mendes, em Ipanema, com direção de Pia Manfroni.

O produtor e ator Guilherme DelRio homenageará o roteirista. A última montagem desta comédia foi em 2003, quando Gugu home-

nageou o comediante Tutuca, que estava fazendo 50 anos de carreira.

Nascido numa família de artistas circenses, Olimecha foi roteirista de programas como: “Zorra Total”, “Sai de Baixo”, “A Escolinha do Professor Raimundo”, “Os Trapalhões”, todos na TV Globo. Gugu se destacou em diversas comédias e Revistas Musicais, de sua autoria com grande sucesso para o teatro.

“As Loucas de Copacabana” é

uma comédia de erros e acertos, um vaudeville moderno com situações inesperadas que acontecem com um casal. A ação se passa na década de 90 e é ambientada num apartamento de Copacabana.

No elenco, além de Del Rio, estão Narjara Turetta, Pitty Webo, Danton Lisboa e Andi Teixeira.

SERVIÇO

AS LOUCAS DE COPACABANA

Teatro Cândido Mendes (Rua Joana Angélica 63 – Ipanema)
De 7/2 a 3/3, de sexta a domingo (20h). Dias 2 e 3/3 (18h)



Divulgação

O elenco da montagem. Texto de Olimecha (no detalhe) foi encenado pela última vez em 2002

Sexualidade exposta no palco

Monólogo ‘Gênero Livre’ chega à sua última semana em cartaz

O monólogo “Gênero: livre”, com a atriz Christiana Guinle, encerra temporada nesta quinta-feira (8), no Teatro Glauce Rocha. Inspirada na vida da artista, que tem gênero fluido, a peça reflete sobre padrões de comportamento masculinos e femininos impostos pela sociedade.

Com texto de Pedro Henrique Lopes e direção de Ernesto Piccolo, a montagem reúne biografias, reportagens, músicas e relatos pessoais da atriz e da equipe criativa para construir uma narrativa sobre gênero, que vai dos preconceitos arraigados no nosso dia a dia aos debates sobre liberdade em um mundo pós-gênero.

O projeto teve início na pandemia, quando o diretor e a atriz, amigos há mais de quatro décadas, decidiram trabalhar juntos pela primeira vez. Christiana sugeriu um projeto que resgatasse o processo que a levou ao entendimento de sua própria identidade sexual e de gênero para falar de um mundo que evoluiu nas discussões sobre o tema, mas ainda insiste em nos colocar em rótulos.

“Na minha juventude eu não tinha muitas referências de pessoas que se identificassem como fluidas. No máximo, tinham as pessoas andróginas. Eu tentava entender minha própria identidade. A descoberta da não-binaridade e a pos-



Junior Mandriola/Divulgação

O espetáculo ‘Gênero Livre’ inspira-se na busca de Christiana Guinle para entender sua sexualidade

sibilidade de fluir entre os gêneros foram libertadoramente perturbadoras. Conteí essa história para o Pedro, que usou as minhas memórias para escrever um espetáculo sobre o respeito às nossas próprias individualidades. Queremos falar do corpo sem gênero. Das roupas sem gênero. Do sexo sem gênero”, diz.

“As pautas identitárias no teatro são um reflexo das discussões frequentes na sociedade. As pessoas querem ver em cena narrativas que

falem da igualdade de gênero, combatem ao racismo, sexualidade e preservação ambiental. Mas as discussões sobre gênero fluido ainda não são tão frequentes em cena”, analisa o autor Pedro Henrique Lopes.

A peça passeia não só pela trajetória de Christiana, mas resgata personagens importantes no debate da fluidez de gênero: Thomas Baty (1869-1954), umas das primeiras pessoas documentadas como “não-binária”; a atriz Rogé-

ria, com quem Christiana trabalhou e se tornou amiga; Kaká Di Polly, ícone drag dos anos 1980 e 90; a modelo trans Roberta Close; e muitas outras pessoas que contribuíram para a (des)construção social brasileira de gênero. Todos eles estão em cena através das falas e da vivência da atriz.

“O teatro que debate assuntos sociais importantes me interessa muito, principalmente quando a gente está falando da liberdade, do livre-arbítrio, de ser quem a gente é de verdade”, observa Ernesto Piccolo. “Ainda temos muito que evoluir nessa questão, mas já vemos muito mais espaço para o debate de gênero hoje do que décadas atrás”, completa o diretor.

SERVIÇO

GÊNERO LIVRE

Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179, Centro)
Até 8/2, às quartas e quintas (19h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Fotos Divulgação



A curadoria selecionou obras que estimulem a discussão da sexualização da mulher brasileira



Vamos falar de objetificação?

Reunindo 34 obras feitas por mulheres de todo o país, 'Ah, Eu Amo As Mulheres Brasileiras!' chega ao Rio, após passar por Nova York e São Paulo



A Garota de Ipanema, Iracema, Capitu, Gabriela, as rainhas do carnaval... A mulher brasileira habita há anos o imaginário coletivo como um ícone de sensualida-

de. Por muito tempo, o seu corpo vem sendo objetificado e hipersexualizado em diversas esferas, especialmente na arte. Após estrear em Nova York e passar por São Paulo, a exposição coletiva "Ah, Eu Amo As Mulheres

Brasileiras!"; chega ao Rio para questionar este "inevitável" ponto de vista e oferecer outra perspectiva sobre essas identidades por meio de 34 obras de artistas mulheres de todo o país. A mostra tem curadoria de Luiza Testa e fica em cartaz até o dia 25 no Museu de Arte Contemporânea de Niterói.

Divididas em quatro grandes núcleos, as obras reúnem instalações, fotografias, esculturas, vídeos, litogravuras, entre outras linguagens, que vêm desafiar este lugar-comum, por meio da sensibilidade de artistas brasileiras de diferentes raças, etnias, idades e perfis. A curadoria buscou nomes consagrados no Brasil e no exterior, além de novos expoentes, para diversificar ao máximo o olhar sobre a proposta.

Participam Alice Ruiz, Arissana Pataxó, Berna Reale, Brenda Nicole, D'annunziata, Dalila Coelho, Fernanda Naman, Gabi Beneditta, Juliana Manara, Lenora de Barros,

Mahuederu Karajá, Manuela Navas, Mari Nagem, Marta Neves, Milena Paulina, Micaela Cyrino, Nara Guichon, Raquel Pater, Santarosa Barreto, Terroristas del Amor, Vitória Cribb e Yacunã Tuxá.

"É um prazer, enfim, trazer a mostra para o Rio e a expectativa é que a gente possa discutir a sexualização da mulher brasileira. Não necessariamente chegar a uma conclusão, mas começar a falar sobre isso. Embora a gente saiba que hoje tudo está globalizado e a internet dá acesso à arte e a essa discussão, é importante levá-la para o mundo real", diz Luiza Testa.

"Ah, Eu Amo As Mulheres Brasileiras!" teve sua estreia internacional na apexart, em Nova York, sob o título de "Oh, I Love Brazilian Women!" e também passou pelo Centro Cultural São Paulo (CCSP) este ano. Depois, seguirá em itinerância pelo Brasil.

"Ah, Eu Amo As Mulheres Brasileiras!" poderá ser vista de terça a domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h30).

SERVIÇO

AH, EU AMO AS MULHERES BRASILEIRAS!

Museu de Arte Contemporânea de Niterói (Mirante da Boa Viagem, s/n°, Boa Viagem, Niterói)

Até 25/2, de terça a domingo (10h às 18h) | Ingressos: R\$ 16 e R\$ 8 (meia)

UM BOM JORNAL
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA
E NEM DE DIREITA
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM
DE INFORMAR
A VERDADE
E NÃO IMPOR
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR
E VONTADE DO ELEITOR .

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

correiodamanha.com.br @correiodamanha